 Tempo de leitura: 4 min.

A narrativa dos discípulos de Emaús (Lc 24) é uma das páginas mais belas e humanas do Evangelho: dois homens desiludidos, com a esperança despedaçada, que caminham para longe de Jerusalém. No entanto, é justamente nesse caminho sombrio que eles encontram o Ressuscitado sem reconhecê-lo. Através de três movimentos – a limitação da razão puramente humana, a pedagogia paciente de Jesus como companheiro de jornada e o reconhecimento no partir do pão – este texto nos oferece uma reflexão profunda e atual sobre como a fé se renova: não pela certeza imediata, mas pela escuta, pela hospitalidade e pela comunhão.

Esperança perdida, fé reencontrada através da caridade
A história dos dois discípulos pode ser descrita como uma experiência de transformação da cegueira espiritual para o reconhecimento do Ressuscitado. Comentarei três passagens que, de alguma forma, têm algo importante a nos dizer hoje.

A compreensão meramente humana nos deixa paralisados
Os discípulos no caminho de Emaús representam os limites da interpretação puramente humana. Eles conheciam os acontecimentos – a crucificação, os rumores sobre o túmulo vazio – mas apenas como informações. Esses fatos representavam apenas um "túmulo", um "fracasso", um "beco sem saída". "Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel" (Lucas 24,21). Tudo reduzido a coisas do passado. A esperança já estava morta.
Esse sentimento dialoga fortemente com o nosso tempo. Vivemos cercados de informações, mas muitas vezes encalhados na falta de sentido. Os ciclos de notícias, os traumas, as contradições do nosso tempo – se lidos apenas através da análise humana, levam ao desespero. A conversa dos discípulos espelha a nossa: os fatos desprovidos de sentido se tornam um fardo em vez de uma luz. O pensamento deles estava fechado na caixa de suas próprias categorias humanas, e estas, por si sós, não conseguem abarcar a fronteira da ressurreição.
Quantas vezes também nós tentamos "resolver" a fé apenas com a razão, com a análise social, com a resolução de problemas institucionais? É um esforço que carece do sopro do divino, um esforço que perde oxigênio espiritual.

Jesus como companheiro: uma ampliação profética
O que impressiona é que Jesus, ao se juntar a eles no caminho, não se revela imediatamente. Em vez disso, *primeiro ele escuta* ("Sobre o que vocês estavam conversando?"), depois ensina. Ele não subestima a dor deles, mas a aborda com

uma pedagogia paciente: “Começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes o que se referia a ele em todas as Escrituras” (Lucas 24,27).
Jesus não impõe a compreensão, mesmo que seja disso que eles precisam. Jesus *os convida a ampliar sua compreensão*. *Ele os convida delicadamente a sair de seu labirinto*. O raciocínio dos discípulos, o Messias que imaginavam, tudo isso é ampliado e aprofundado através das Escrituras. A mensagem dos profetas é um texto vivo, não morto.
O detalhe mais belo é que, enquanto escutavam atentamente, não o reconheceram *enquanto ele ensinava*. O reconhecimento vem depois. Com a esperança ainda vacilante, eles oferecem ao seu querido companheiro a sua hospitalidade (o partir do pão).
Aqui há uma bela lição para nós hoje. Não se trata apenas de transmitir a doutrina, por mais nobre e urgente que seja. As pessoas precisam ser ajudadas com calma e paciência a ver a própria vida, as próprias perguntas, as próprias esperanças *dentro* da compreensão mais ampla da mensagem de Jesus. Essa escuta requer comunidade; ela se nutre da comunhão. É um passo em direção à verdadeira compreensão, ou seja, o momento em que se abrem os “olhos do coração”.

Encontrá-lo no partir do pão: olhos abertos sem ver
O paradoxo é primoroso: “Então seus olhos se abriram e eles o reconheceram. Mas ele desapareceu da vista deles” (Lucas 24,31). Eles o encontram justamente ao não o verem, mas ao reconhecê-lo no gesto de hospitalidade e comunhão.
Este é o ponto mais profundo. A Eucaristia não é apenas uma lembrança ritual, mas a realidade contínua da presença de Cristo através do dom e da partilha de si mesmo. Os dois discípulos “agora” não precisam de uma prova visual constante. Eles experimentaram algo mais profundo: a participação em seu dom.
Gostaria de compartilhar algumas ideias para a nossa caminhada com base nesses três pequenos passos.

a. Abandonar uma fé escrava do imediatismo e das aparências.
Ainda hoje corremos o risco de viver nossa fé em Jesus com a mesma mentalidade dominante do cálculo: quero ver, ter certeza. Aceito, sim, mas sob certas condições. Em vez disso, Jesus, o companheiro de Emaús, nos convida a um modo diferente que começa com a proximidade, se enriquece com a escuta e conduz à comunhão. Este caminho é marcado pela paciência e pela caridade. Gradualmente, Jesus nos pede para desmontar aquelas estruturas de medo e defesa que nos mantêm prisioneiros de nós mesmos.
O Jesus que descobrimos através do ensinamento nos convida a ir além: *entrar e*

*assumir seu modelo de doação de s*i. Ele nos pede para renunciar às falsas imagens, para fugir das armadilhas da dependência de todo tipo, oferecendo-se como exemplo: oferecendo-se até a cruz. Fixando o olhar nele, morto e ressuscitado, reconhecemos sem medo nossas “prisões” e as superamos com coragem.

b. A autêntica experiência de fé se reconhece através da hospitalidade.
Os dois discípulos poderiam ter resistido às palavras de Jesus. No entanto, não o fizeram! Deixaram-se questionar. Não nos esqueçamos de que eles haviam perdido toda a esperança, talvez até a fé. Contudo, não haviam perdido sua capacidade de acolhida e hospitalidade: ainda eram discípulos capazes de viver a caridade!
Aqui, neste ponto, e somente neste momento, há uma virada: eles o reconheceram *ao lhe oferecer hospitalidade*. Acolhendo Jesus, Jesus lhes deu tudo, todo o seu ser. Pediram a Jesus que ficasse “com eles”. Em vez disso, Jesus os recompensou permanecendo “neles”!

c. A Eucaristia como ápice e início.
O partir do pão não é o fim da história; pelo contrário, é o início de sua história autêntica. Embora a noite estivesse caindo, os dois discípulos voltaram imediatamente para Jerusalém, para a comunidade, para testemunhar. Agora a escuridão externa não tem mais poder sobre a luz que enche o coração do crente. A verdadeira força da Eucaristia é aquela que nos impulsiona para fora, em direção aos outros, para o alto.
Esta é a beleza da fé em Cristo, sustentada pela esperança e vivida com caridade!